

2. A Verdade: O Primeiro e mais Confuso Princípio

Poucos dias depois do assassinato do presidente John Fitzgerald Kennedy, em novembro de 1963, o político que o sucedeu, Lyndon B. Johnson, mandou chamar o ministro da Defesa dos Estados Unidos. Johnson queria saber o que de fato acontecia a 10 mil milhas de distância através do globo terrestre, num pequeno país chamado Vietnã. Johnson não confiava no que ouvira quando era vice-presidente de Kennedy. Ele queria sua própria informação. Assim, o ministro da Defesa, Robert McNamara, voou a Saigon e lá passou três dias conversando com todos os generais americanos e visitando as várias zonas de combate.

Na volta de Saigon, McNamara disse aos jornalistas reunidos no aeroporto Tan Son Nhut que se sentia bastante animado. Dava para notar como as coisas iam bem, afirmou. As forças sul-vietnamitas desempenhavam cada vez mais um papel maior na guerra. Aumentavam as baixas dos vietcongues. Quando ele desembarcou na Base Aérea de Andrews, em Washington, no dia seguinte, deu outra coletiva de imprensa para dizer as mesmas coisas. Depois pegou um helicóptero para descer no jardim da Casa Branca e pessoalmente informar o presidente Johnson. E a partir daí o mundo não soube mais nada da visita do ministro da Defesa ou de seu relatório ao Presidente.

Oito anos depois, o *New York Times* e o *Washington Post* publicaram um documento secreto do governo revelando o que sabiam e pensavam os líderes do governo sobre a guerra do Vietnã. Meio escondida em toda a papelada, que viria a ser conhecida como The Pentagon Papers, estava a substância do que McNamara na verdade dissera ao presidente. A coisa no Vietnã estava preta. A capacidade dos vietcongues em reforçar suas tropas superava as perdas nas linhas de frente. Seria preciso enviar mais soldados americanos, não menos. Feitas as contas, o documento consistia numa completa negação de tudo que McNamara dissera nas duas entrevistas coletivas à imprensa.

“O que poderia ter acontecido”, perguntava Benjamin Bradlee, ex-diretor executivo do *Washington Post*, num exercício de imaginação vinte anos depois, “se a verdade tivesse emergido em 1963 em lugar de 1971...”¹

Todos os dias usamos as palavras – verdade e mentira, exato e falso – e achamos que elas realmente significam alguma coisa. McNamara mentiu nas duas coletivas de imprensa. Os Pentagon Papers revelaram o que na verdade ele pensava e informou a Johnson. A história disso tudo tem vários níveis de verdade e falsidade. A imprensa informou de forma correta o que McNamara disse nas coletivas, mas não chegou ao fundo da verdade do que ele sabia.

Ao longo de trezentos anos, os profissionais de imprensa desenvolveram um grande código não escrito de princípios e valores que devem nortear a difusão da informação – o conhecimento indireto pelo qual as pessoas podem formar suas opiniões sobre o mundo.

Entre os mais importantes desses princípios estão:

A PRIMEIRA
OBRIGAÇÃO DO
JORNALISMO É
COM A
VERDADE

A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.

A respeito deste princípio existe unanimidade absoluta e também a mais completa confusão: todo mundo concorda que os jornalistas devem dizer a verdade. Apesar disso as pessoas se mostram meio zonzas com o significado do termo “a verdade”.

Há pouco tempo, quando perguntados sobre os valores que consideram fundamentais, cem por cento dos jornalistas entrevistados numa pesquisa feita pelo Pew Research Center para o nosso Comitê responderam “apurar bem os fatos”.²

Em longas entrevistas com nossos colegas acadêmicos, velhos e novos jornalistas foram unânimes em dizer que “a verdade” é a missão primordial da nossa profissão.³

Em outros tipos de reuniões, como seminários, jornalistas mais envolvidos com ideologias deram a mesma resposta. “Não podemos ser objetivos porque entramos nos assuntos já com certas idéias preconcebidas”, disse Patty Calhoun, editora do jornal alternativo semanal *Westword*. “Mas podemos com toda certeza buscar a exatidão, a equidade e a verdade, e essa busca nunca termina”.⁴

Esse desejo de que a informação seja verdadeira é básico nesta discussão. Já que as notícias são o material que as pessoas usam para aprender e pensar sobre o mundo além de seus próprios mundinhos, o mais importante é que essa informação seja boa e confiável. Vai chover amanhã? O trânsito está ruim hoje? O meu time ganhou? O que disse o presidente? Com efeito, a verdade cria uma sensação de segurança que se origina da percepção dos fatos e está na essência das notícias.

A VERDADE CRIA UMA
SENSAÇÃO DE SEGURANÇA

QUE SE ORIGINA DA PERCEPÇÃO DOS FATOS E ESTÁ NA
ESSENCIA DAS NOTÍCIAS

Tão poderosa é essa necessidade de contar com a verdade que os especialistas chegaram a uma conclusão: trata-se de uma coisa inata. “No princípio era o Verbo”, assim começa o Evangelho segundo São João no Novo Testamento. Dos primeiros jornalistas – mensageiros nas sociedades pré-alfabetizadas – se esperava que lembrassem bem os assuntos, com toda fidelidade. De modo geral as notícias levadas por esses mensageiros continham assuntos de vida ou morte. Os chefes precisavam de informação precisa sobre os inimigos do outro lado da montanha – quando atacariam, por exemplo.

O interessante é que as sociedades opressoras tendem a desprezar definições literais de verdade e precisão, da mesma forma como fazem os pós-modernistas hoje, embora por diferentes razões. Na Idade Média, por exemplo, os monges diziam que havia uma hierarquia da verdade. No mais alto nível estavam as mensagens que nos contavam sobre o destino do universo, questões do tipo “existe de fato o céu?”. Depois vinha a verdade moral, que nos ensinava a viver. A isso se seguia a verdade alegórica, que ensinava a moral das histórias. Finalmente, no fundo, a menos importante, a verdade literal, que os teóricos diziam ser geralmente irrelevante e vazia de significado. Como explicava um manual do século 14, usando uma lógica similar a de um erudito pós-moderno de hoje ou um produtor de Hollywood, “não importa se é verdade histórica ou se é ficção, mesmo porque o exemplo não é dado pelo seu próprio valor, mas sim pelo seu significado”.⁵

A meta dos pensadores medievais não era tanto esclarecer, mas controlar. Eles não queriam que os fatos literais interferissem na ortodoxia política e religiosa. Um entendimento preciso

da época ameaçava aquele controle – como hoje é uma arma contra a opressão e a manipulação.

À medida que a moderna imprensa começou a se formar com o nascimento da teoria democrática, a promessa de veracidade e precisão logo se tornou uma parte poderosa até mesmo das primeiras tentativas de marketing do jornalismo. O primeiro jornal inglês proclamava se basear “nas melhores e mais agudas inteligências”. O editor do primeiro jornal francês, mesmo sendo de propriedade do governo, prometia em seu primeiro número: “Numa coisa não cederei a ninguém – quero dizer, na minha missão de chegar à verdade.” Encontramos promessas similares em relação à exatidão nos primeiros jornais americanos, alemães, espanhóis, em várias outras partes.⁶

O mais incipiente jornalismo colonial era uma mistura estranha de ensaios e fatos. A informação sobre transporte marítimo era precisa. A virulência política era menos intensa, mas ainda assim mais opinativa ou retórica que puramente informativa. Até mesmo o grande sensacionalista da época, James Callender, que construiu sua reputação com matérias escandalosas sobre as façanhas sexuais de Alexander Hamilton e Thomas Jefferson, não inventava as histórias que publicava, concluem hoje os historiadores, mas jogava com fatos e rumores.⁷

Ao livrar-se do controle político no século 19, o jornalismo procurou seu primeiro grande público com base no crime, no escândalo, nas emoções fortes e no endeusamento das celebridades. Foram os anos de William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer e a chamada “imprensa marrom”. Mesmo assim até os donos dessa Imprensa Marrom tentavam assegurar aos leitores que podiam acreditar no que liam, embora nem sempre honrassem esse princípio. O *Herald*, de Hearst, mais chegado

ao sensacionalismo do que à invenção, proclamava que era o jornal mais veraz da cidade de Nova York. O *Sun*, de Pulitzer, operava com o slogan “Exatidão, exatidão, exatidão”, e era mais confiável do que se pensava então.⁸

Com o propósito de garantir a seus leitores que podiam acreditar no que liam, Pulitzer criou no seu jornal *New York World*, em 1913, um organismo chamado Bureau de Precisão e Equidade. Num artigo publicado em 1984 na *Columbia University Journalism Review*, Cassandra Tate descrevia como o primeiro ombudsman do *World* percebeu uma tendência do jornal quando informava sobre desastres marítimos: todas as matérias falavam de um gato sobrevivente do desastre. Quando o ombudsman perguntou ao repórter sobre essa curiosa coincidência, ouviu a seguinte explicação:

“Num desses navios acidentados havia um gato, e a tripulação fez de tudo para salvá-lo e conseguiu. Eu converti o bichano num personagem da minha matéria, enquanto os outros repórteres nem perceberam o animal e depois levaram a maior bronca por terem sido furados pelo *World*. Quando aconteceu outro desastre no mar, não havia gato algum a bordo, mas a turma não queria levar outro furo e inventou o bicho. Fiz minha matéria e não coloquei nenhum gato, e depois foi minha vez de ouvir desaforos da chefia por ter sido furado. Agora, quando acontece um desastre marítimo, todos nós colocamos um gatinho na matéria”.⁹ A ironia de tudo é que esses “enfeites” foram enfiados nas matérias para criar uma *sensação* de realismo.

No começo do século 20, os jornalistas já percebiam que realismo e realidade – ou precisão e verdade – não eram tão facilmente

equacionáveis. Em 1920, Walter Lippmann usou, de forma alternada os termos *verdade* e *notícias* no ensaio “Liberty and the News”. Mas em 1922, no seu livro *Public Opinion*, ele escreveu: Notícias e verdade não são a mesma coisa... A função das notícias é sinalizar um fato”, ou tornar o público ciente desse fato. “A função da verdade é trazer à luz os fatos ocultos, estabelecer uma relação entre eles e montar um quadro da realidade sobre o qual os homens podem agir.”¹⁰ Por volta de 1938, os livros didáticos de jornalismo começavam a questionar quão verdadeiras podiam ser as notícias.¹¹

Ao longo dos cinquenta anos seguintes, depois de décadas e décadas de discussões e argumentos, alguns guiados por ideologias políticas e até por acadêmicos desconstrucionistas pós-modernos, chegamos ao ponto onde há gente que nega a possibilidade de se colocar os fatos dentro de um contexto significativo e dessa forma dizer a verdade sobre esses mesmos fatos.

OS-
MODERNIS-
MO:

↓
CETICISMO
EPISTEMO-
LOGICO

↓
A CERTEZA
DE UMA
VERDADE
OBSERVÁVEL
EMPÍRICA-
MENTE
VERIFICÁ-
VEL,
MORREU¹¹

O certo é que um ceticismo epistemológico permeia hoje todos os aspectos da nossa vida intelectual, desde a arte e a literatura até o direito, a física e a história. O historiador da Columbia University, Simon Schama, diz que “a certeza de uma verdade em última análise observável, empiricamente verificável” já não existe, morreu.¹²

A verdade, parece, é muito complicada para ser procurada. Ou talvez nem mesmo exista, considerando que somos todos indivíduos subjetivos. São argumentos interessantes, válidos até, num certo nível filosófico.

Onde fica então o jornalismo em tudo isso? Será a palavra *verdade* hoje adequada, digamos, para as conversas cotidianas, embora não resista a um escrutínio rigoroso?

NÍVEIS:

GIANTS

GANHOU

↓

O PORQUÊ

DA DERROTA

PODE SER

CONTADO

EM CENTE-

NAS DE

MANEIRAS

DIFERENTES

CADA

MATÉRIA

ESCRITA

ATRAVÉS

DE UMA

LENTE,

EMBARADA

POR

ESTERÉO-

TIPOS E

PREFERÊN-

CIAS

PESSOAIS

Claro, existem níveis. “O jornalista do *New York Times* informa que o time dos Giants perdeu por 20-8”, comentava o crítico da imprensa Richard Harwood em uma de nossas reuniões de trabalho. “Bem, aí temos um pequeno pedaço de informação. Mas o porquê da derrota dos Giants pode ser contado em centenas de maneiras diferentes – cada matéria escrita através de uma lente diferente, embaçada por estereótipos e preferências pessoais”.¹³

Assim, o que significa a obrigação do jornalista para com a verdade? A resposta usual a essa pergunta, feita em seminários e tratados filosóficos, geralmente acaba empacada. Uma razão para isso é que a discussão não tem base no mundo real. Discussões filosóficas sobre a existência da “verdade” se baseiam em conceitos semânticos.

Outra razão é que os próprios jornalistas nunca tiveram uma noção clara do que querem dizer com veracidade. Por sua própria natureza, o jornalismo é reativo e prático, não filosófico ou introspectivo. Não existe muita reflexão escrita dos jornalistas sobre esses assuntos, e o pouco que existe não é lido pela maioria dos profissionais do ramo. As teorias de jornalismo ficam nas cabeças dos acadêmicos, e grande parte dos jornalistas sempre desvalorizou o ensino profissional, argumentando que a única forma de aprender o ofício é por osmose nas tarefas do dia-a-dia. Até mesmo um jornalista da televisão muito respeitado, Ted Koppel, disse certa vez: “As escolas de jornalismo são uma completa e total perda de tempo”.¹⁴

Nesse contexto, as explicações convencionais dadas pelos jornalistas sobre a forma como chegam à verdade costumam ser respostas rápidas tiradas de entrevistas ou discursos, ou, pior ainda, de slogans de marketing e geralmente com base

DISCUSSÃO
SOBRE VERDADE
É FILOSÓFICA→ E PRECISO
FALAR SOBRE
A VERDADE JORNALÍSTICAJORNALIS-
TAS NÃO
CONSEGUEM
EXPLICAR
BEM SUA
PROFISSÃO↓
ENTEN-
DIMENTO
CONTEM-
PORÂNEOSOBRE
OBJETI-
VIDADE
É BAS-
TANTE
CONFUSO

em metáforas pobres. A imprensa é um “espelho” da sociedade, diz David Bartlett, ex-presidente da Associação dos Diretores de Jornalismo de Rádio e Televisão. O jornalismo é “um reflexo das paixões do dia”, diz Tom Brokaw. As notícias são o que há de “mais interessante para ser noticiado num determinado dia”, diz um produtor da CNN.¹⁵

Essas explicações tornam os jornalistas passivos, meros reprodutores dos fatos em lugar de selecioná-los ou editá-los.¹⁶ É como se eles pensassem que a verdade é alguma coisa que surge sozinha como o pão que cresce no forno. Em lugar de defender técnicas e métodos para encontrar a verdade, os jornalistas negam a existência desses recursos.

Seja sigilo ou inabilidade, a falha dos jornalistas em articular bem os fundamentos de seu ofício provoca desconfiança na população, levando-a a acreditar que a imprensa engana a si própria ou esconde alguma coisa.

Esta é uma das razões pelas quais a discussão sobre objetividade acabou virando uma armadilha. O termo ficou tão mal compreendido e batido que quase sempre desvirtua uma discussão séria. Como veremos com maior profundidade no capítulo sobre verificação, do jornalista nunca se esperou objetividade. Tratava-se, isso sim, de seu método de trabalho. Hoje, contudo, em parte porque os jornalistas não conseguem explicar bem sua profissão, nosso entendimento contemporâneo dessa questão, objetividade, ainda é bastante confuso.

Apesar de tudo isso há pouca dúvida de que os jornalistas acreditam estar envolvidos na busca da verdade – não só da livre expressão ou do comércio. De fato, devemos estar envolvidos nessa busca, pois isso é o que a sociedade espera de nós.

VERDADE JORNALÍSTICA: PROCESSO SELETIVO QUE SE DESENVOLVE ENTRE A MATÉRIA INICIAL E A INTERAÇÃO ENTRE PÚBLICO E JORNALISTAS

A BUSCA

DESINTERESSADA DA VERDADE É O QUE DIFERENCIA A PROFISSÃO DE TODAS AS OUTRAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

E, como veremos, essa "verdade jornalística" é muito mais do que simples precisão. É um processo seletivo que se desenvolve entre a matéria inicial e a interação entre o público leitor e os jornalistas, ao longo do tempo. Esse princípio básico do jornalismo - a busca desinteressada da verdade - é, em última instância, o que diferencia a profissão de todas as outras formas de comunicação.

VERDADE FUNCIONAL

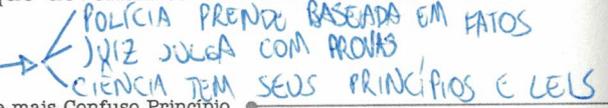
RELATO PRECISO E CONFIÁVEL DOS FATOS

PARA ENTENDER O PROCESSO SELETIVO, é importante lembrar que o jornalismo existe dentro de um contexto social. Cidadãos e sociedades dependem e precisam, para funcionar, de um relato preciso e confiável dos fatos. Desenvolvem procedimentos e processos para chegar a esse ponto, o que poderíamos chamar de verdade funcional. A polícia persegue e prende suspeitos baseada em fatos. Os juizes presidem julgamentos. Os jurados dão veredictos de culpa ou inocência. As indústrias são reguladas, os impostos recolhidos, as leis elaboradas. Ensinamos a nossos filhos normas e regras, história, física e biologia. Todas essas verdades, incluindo as leis da ciência, estão sujeitas a revisão, mas enquanto isso nos orientamos por elas porque são necessárias e funcionam.

É ISSO QUE O JORNALISMO PROCURA - UMA FORMA PRÁTICA E FUNCIONAL DA VERDADE. NÃO A VERDADE NO SENTIDO ABSOLUTO OU FILOSÓFICO. NÃO A VERDADE DE UMA EQUAÇÃO QUÍMICA. MAS O JORNALISMO PODE - E DEVE - PERSEGUIR A VERDADE NUM SENTIDO POR MEIO DO QUAL POSSAMOS FUNCIONAR NO DIA-A-DIA.

"Não achamos irracional esperar que jurados produzam veredictos justos, professores ensinem lições honestas, historiadores escrevam história imparcial, cientistas pesquisem sem preconceitos. Por que deveríamos determinar metas menos

ORIENTAMOS PROVISORIAMENTE POR CLASSE PORQUE É NECESSÁRIA A VERDADE: O PRIMEIRO E MAIS CONFUSO PRINCÍPIO É FUNCIONAL



VERDADE FUNCIONAL: É ISSO O QUE O JORNALISMO PROCURA: UMA FORMA PRÁTICA E FUNCIONAL DA VERDADE. NÃO A VERDADE NO SENTIDO ABSOLUTO DO FILOSÓFICO. 69

MAS, COMO A CRESCENTE NATUREZA ORGANIZADA INTERPRETATIVA DO JORNALISMO,

ambiciosas para maus jornalistas", nos disse numa reunião Bill Keller, um dos editores do New York Times. "Seja ou não a objetividade possível - não acredito que estejamos aqui com essa finalidade... Nós lutamos por uma cobertura que busque, com todo empenho, dar ao leitor o máximo de informação para que ele próprio tire suas conclusões. Esse é o nosso mais nobre ideal".¹⁷

A PRECISÃO EXATIDÃO

O que significa isso? Que os jornalistas devem simplesmente trabalhar com precisão, anotando direito nomes e datas? Isso é suficiente?

NÃO SÃO SUFICIENTES NA BUSCA PELA VERDADE

A crescente natureza interpretativa do jornalismo de hoje e as respostas dos profissionais em conferências, pesquisas e entrevistas nos indicam que não, isso não é suficiente. Um jornalismo meramente construído com base na exatidão não nos levaria muito longe.

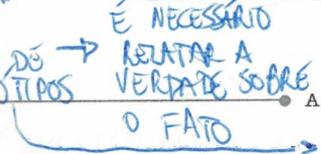
A EXATIDÃO PODE SER UMA FORMA DE DISTORÇÃO

Em primeiro lugar, a simples exatidão pode ser uma forma de distorção. Já em 1947, um grupo de especialistas que passou muitos anos produzindo um documento que estabelecia as obrigações do jornalismo advertia sobre os perigos de publicar relatos "factualmente corretos, mas substancialmente não verazes".¹⁸ Naquela época, esses especialistas, agrupados na chamada Hutchins Commission, mencionavam matérias sobre integrantes de grupos minoritários que, apresentadas fora de contexto ou por enfatizar raça ou etnias sem nenhuma razão para isso, reforçavam falsos estereótipos. "Já não é suficiente relatar o fato de forma veraz. Agora é necessário relatar a verdade sobre o fato".

DOIS RAÇAS NEGROS FORAM REGOS ROUBANDO

A simples exatidão também não é o que o leitor procura. O jornalista Jack Fuller explica, em seu livro News Values, que existem dois testes da verdade segundo os filósofos: um é

REFORÇO DÓ ESTEREÓTIPOS



A Verdade: O Primeiro e mais Confuso Princípio OU TB O EXEMPLO DA MORTE DE BETO FREITAS NO CARREFOUR

DOIS TESTES DA VERDADE:

CORRESPONDÊNCIA (EXATIDÃO)

+ COERÊNCIA (PLURALIDADE)

↓

EM TERMOS JORNALÍSTICOS, A BUSCA DA VERDADE FUNCIONAL SIGNIFICA ADORAR DIREITO OS FATOS E DAR-LHES SENTIDO.

↓

EXATIDÃO É A FUNDAÇÃO.

↓

CONTEXTO/INTERPRETAÇÃO SE CONSTRUÍM SOBRE ELA

correspondência; o outro, coerência. Em termos jornalísticos, isso significa apurar direito os fatos e dar-lhes sentido. A coerência deve ser o teste derradeiro da verdade jornalística, Fuller opina. "Não importa o que dizem os céticos, as pessoas ainda acreditam fervorosamente em significado. Querem o quadro completo, não só uma parte... Estão cansadas de discussões polarizadas", do tipo de discurso público feito por certos grupos.¹⁹

A mesma coisa nos diz o bom senso. Hoje, matérias que relatam como o prefeito elogiou a polícia num almoço político nos parecem inadequadas, bobas até, se essa mesma polícia está envolvida num escândalo de corrupção; os comentários do prefeito, é óbvio, não passam de retórica política e no fundo respondem a recentes ataques de seus críticos.

Isso contudo não significa que a exatidão não é importante. Ao contrário, é a fundação sobre a qual tudo o mais se sustenta: contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública. Se a fundação é frágil, tudo o mais balança. Um dos riscos da proliferação das pequenas empresas noticiosas, programas de entrevistas e reportagem interpretativa é que a verificação deixou de ser essencial. Assim, um debate entre oponentes que discutem com números falsos ou com base em preconceitos não informa coisa alguma, só levanta poeira. E tampouco leva a sociedade a lugar algum.

Na verdade é muito mais produtivo, e mais realista, entender a verdade jornalística como um processo – ou uma caminhada contínua na direção do entendimento – que começa com as primeiras matérias e vai se construindo ao longo do tempo.

As primeiras matérias indicam a existência de um novo fato ou tendência. Podem começar com um relato de alguma coisa

"UM DEBATE ENTRE Oponentes QUE DISCUTEM COM NÚMEROS FALSSOS OU COM BASE EM PRE-CONCEITOS NÃO INFORMA COISA ALGUMA, SO LEVANTA POEIRA. TAMPOUCO LEVA A SOCIEDADE A LUGAR ALGUM"

VERDADE JORNALÍSTICA COMO PROCESSO

↓

1ª MATÉRIA: simples, como uma reunião política ou um acidente de trânsito.

↓

RELATO DOS ASPECTOS PRINCIPAIS

↓

RELATO EQUILIBRADO E CONFIÁVEL, MAS SUJEITO A INVESTIGAÇÃO POSTERIOR

↓

2ª MATÉRIA

↓

FONTES RESPONDEM AOS ERROS E OMISSÕES CONTIDOS NA PRIMEIRA

↓

3ª MATÉRIA

↓

O CONTEXTO VAI SENDO ACRESCENTADO

A hora e o lugar do acidente, os danos causados, os tipos de veículos, prisões, condições do tempo ou das vias públicas, enfim, os aspectos externos do caso, tudo isso pode ser registrado e checado. Uma vez verificados os fatos, os repórteres tentam armar um relato equilibrado e confiável desses mesmos fatos, válido por agora, mas sujeito a uma investigação posterior. O famoso jornalista Carl Bernstein, do caso Watergate, descreve essa situação como a dos repórteres lutando para oferecer "a melhor versão da verdade".²⁰ Os princípios do *Washington Post* delineados em 1933 por seu fundador, Eugene Mayer, descrevem esse relato da verdade "como o mais próximo possível que possa ser atingido".²¹

O repórter sozinho não tem como se mexer muito além de um nível superficial de exatidão numa primeira matéria. Mas essa primeira matéria leva a uma segunda, na qual as fontes das notícias já responderam aos erros e omissões contidos na primeira, da segunda para a terceira, e assim por diante. Ou seja, o contexto vai sendo acrescentado em cada matéria nova. Também nas matérias mais importantes e complexas existem contribuições subseqüentes através das páginas editoriais, dos programas de entrevistas, nas páginas de opinião, nas cartas ao editor ou nos ouvintes que telefonam para as rádios – abrangendo a gama completa de reações públicas e privadas.

Esta verdade prática é uma coisa múltipla que, como o aprendizado, cresce como a estalagmite dentro de uma caverna, gota por gota através do tempo.

Disso existem inúmeros exemplos. Vejamos o caso de Abner Louima, o imigrante haitiano preso por perturbação da ordem na porta de um clube noturno do Brooklyn, em 1997. A pri-

meira impressão dada pelo episódio era a de uma mera ocorrência policial. Contudo, três dias depois, o colunista do *Daily News*, Mike McAlary, descobriu Louima numa cama de hospital e o entrevistou. Louima revelou então que a polícia o havia seviciado e sodomizado com um cabo de um desentupidor de vasos sanitários. Naquele mesmo dia da denúncia, dois dos policiais envolvidos na prisão foram afastados de suas funções. Dois dias depois, numa segunda entrevista, Louima alegou que os policiais que o prenderam disseram: "Agora quem manda é o prefeito Rudolph Giuliani, não mais David Dinkins", numa referência à raça deste último, negra. Outros policiais foram removidos de seus postos, enquanto se ouviam protestos nas ruas do Brooklyn. Logo em seguida, o *New York Times* publicou uma análise em profundidade do caso, indicando que a queda nos índices criminais na cidade coincidia com o aumento sistemático da violência policial. A cidade se mostrava preocupada com o tratamento dado pela polícia aos suspeitos.

Um ano depois, o mesmo Louima retirou a tal frase "agora quem manda é o prefeito Giuliani..." embora mantivesse suas denúncias de violência policial. Muitos meses depois, o *City Journal*, de uma entidade local, o Manhattan Institute, publicou um artigo dizendo que apesar dos altos índices de violência policial, o departamento de polícia de Nova York até que apresentava um comportamento relativamente bom nesse sentido.²²

Em outras palavras, a verdade aqui é um fenômeno complicado e contraditório, mas se for visto como um processo ao longo do tempo pode ser captado pelo jornalismo. No fundo esse processo tenta chegar à verdade num mundo atordoado, primeiro despojando a informação de qualquer resíduo de dados errados, desinformação ou informação

VERDADE: FENÔMENO COMPLICADO E CONTRADITÓRIO
↓
VISTO COMO PROCESSO, RESÍDUO DE DADOS ERRADOS, DESINFORMAÇÃO OU INFORMAÇÃO PODE SER CAPTADA PELO JORNALISMO

PROCESSO:
DESPOJAR A INFORMAÇÃO DE RESÍDUO DE DADOS ERRADOS
↓
REACER DA COMUNIDADE
↓
PROCESSO SELETIVO DAS NOTÍCIAS
↓
VERDADE COMO CONVERSÃO

autopromocional, deixando que a comunidade reaja e assim surja o processo seletivo das notícias. A busca da verdade se torna uma conversação.

Essa definição ajuda a reconciliar a forma como usamos as palavras verdade e mentira, todos os dias, com a maneira como desconstruímos essas palavras nos discursos empedrados do debate filosófico. A definição também se aproxima mais do entendimento intuitivo que os próprios jornalistas têm de seu ofício, muito mais do que metáforas medíocres sobre espelhos e reflexões comumente usadas nessas discussões.

Entendemos a verdade como um objetivo – na melhor das hipóteses esquivo – e ainda assim nos agarramos a ele. Pois a vida é assim, lutando sempre, mas nem sempre atingindo plenamente a meta proposta. Como diz o historiador Gordon Woods sobre a tarefa de escrever história: "Podemos aceitar o ponto de vista de que o registro histórico é fragmentário e incompleto... e que os historiadores jamais estarão de acordo em suas interpretações" e mesmo assim acreditar que "numa verdade objetiva o passado pode ser observado e empiricamente verificado". Isso é mais do que um exagero. Na vida real, as pessoas sempre sabem quando alguém chegou perto da verdade, quando a fonte é autorizada, quando a pesquisa é exaustiva, quando o método é transparente. Ou, como disse Woods, "os historiadores talvez nunca vejam nem apresentem a verdade integral e conclusiva, mas alguns deles chegarão, em seus relatos escritos, mais perto que outros, de forma mais completa, mais objetiva, mais honesta, e nós saberemos, e sempre soubemos, quando lermos o material".²³

GORDON WOODS:

"ALGUNS HISTORIADORES CHEGAM, EM SEUS RELATOS ESCRITOS, MAIS PERTO DO QUE OUTROS EM VERDADE INTEGRAL E CONCLUSIVA, E NÓS SABEREMOS, SEMPRE SÓUBEMOS, QUANDO LERMOS O MATERIAL."

Dizem a mesma coisa aqueles que já trabalharam no campo da informação ou do serviço público. Obter a informação

em verdade integral e conclusiva, e nós saberemos, sempre soubemos, quando lermos o material."

mais próxima da versão completa da verdade tem conseqüências reais.

Nas primeiras horas da ocorrência de um fato, quando é mais difícil trabalhar com precisão, estamos no momento mais importante. É durante esse período que se geram as opiniões do público, às vezes de forma inflexível, graças ao contexto no qual a informação é apresentada. Isso é ruim para mim? É bom? Devo me preocupar com isso? A resposta a essas perguntas determinará a forma como acompanho um novo fato

com mais ou menos cuidado e interesse. Com base em sua própria experiência, Hodding Carter, um jornalista experiente que foi assessor de imprensa do Departamento de Estado na época do presidente Jimmy Carter, disse que esse momento, quando ocorre um fato, é o período de tempo no qual o governo pode exercer o maior controle sobre a opinião pública: "Se em três dias não surge na opinião pública um desafio sério, o governo arma o contexto para um fato e a partir daí controla a percepção desse mesmo fato".²⁴

Ao longo dos anos alguns jornalistas têm sugerido substitutos para veracidade. Talvez os mais comuns são imparcialidade e equilíbrio. Contudo, os dois, se examinados com rigor, acabam sendo inadequados. Imparcialidade é um conceito muito abstrato e, no fim, mais subjetivo do que a verdade. Imparcial com quem? Como se testa a imparcialidade? A veracidade, com todas as dificuldades, pelo menos pode ser testada.

Equilíbrio, também, é muito subjetivo. Escrever uma matéria tratando de ser justo com os dois lados da história talvez não seja o ideal de verdade, sobretudo se os dois lados não têm o mesmo peso. O aquecimento do globo terrestre é um

A VERDADE AO MENOS PODE SER TESTADA

SUBSTITUTOS PARA VERACIDADE & IMPARCIALIDADE

• EQUILÍBRIO

INADEQUAÇÕES:

IMPARCIALIDADE: CONCEITO MUITO ABSTRATO E MAIS SUBJETIVO QUE VERDADE

IMPARCIAL COM QUEM?

COMO SE TESTA?

1-) E SE OS DOIS LADOS NÃO TÊM O MESMO PESO?

2-) E SE HOUVER MAIS DE DOIS LADOS, COMO DETERMINAR O LADO QUE DEVE SER ABORDADO?

ENFRAQUECIMENTO DA BUSCA DA VERACIDADE (SELEÇÃO DE UM RELATO VERAZ E CONFIÁVEL NOS FATOS DO DIA):

• FRAGMENTAÇÃO (NOTÍCIAS 24 H)

• PODER DAS FONTES

• POLARIZAÇÃO

← SUBSTITUIÇÃO

fato? A maioria dos cientistas sempre argumentou que sim, é um fato, mas a cobertura da imprensa continuou, muito depois do debate científico, a dar um peso igual aos dois lados. E naqueles casos onde existem mais de dois lados, como determinar o lado que deve ser abordado?

No nosso livro *Warp Speed*, falamos sobre as várias forças que convergiam para enfraquecer essa busca da veracidade empreendida pelos jornalistas, apesar da sempre declarada lealdade que professam a ela. Sem repetirmos agora aqueles argumentos, suficiente será notar que na nova cultura da mídia de 24 horas por dia de notícias estas se tornaram mais fragmentadas; as fontes exercem maior poder sobre os jornalistas que as cobrem; diferentes padrões jornalísticos desmantelam a função de guardião da imprensa; argumentos baratos, polarizadores, se transformam em reportagens devastadoras; e a imprensa mais e mais se concentra na busca da "grande matéria" que durante um período transitório junta os pedaços da agora fragmentada grande audiência. Reunidas, estas novas características, que chamamos Cultura da Mídia Misturada, estão deslocando a clássica função de selecionar um relato veraz e confiável dos fatos do dia, criando um novo jornalismo de afirmação, que está esmagando o velho jornalismo da verificação.

Apesar dessas tendências, até mesmo os jornalistas de hoje ainda acreditam na importância de contar a verdade. Na nossa pesquisa sobre os valores básicos da profissão, oito entre dez jornalistas que trabalham em empresas nacionais, e mais de sete entre dez que trabalham em empresas locais, disseram acreditar na existência "de um relato verdadeiro e exato de um fato".

A mesma resposta veio dos jornalistas da Internet, onde sete entre dez acreditam que tal relato, veraz e correto, é possível.²⁵

JORNALISMO DE VERIFICAÇÃO x JORNALISMO DE AFIRMAÇÃO

Sete entre dez jornalistas nacionais e locais têm confiança de que podem desenvolver um método profissional "para cobrir os fatos de uma forma desinteressada e justa". Quase a mesma proporção, seis entre dez, dos profissionais da nova mídia dizem a mesma coisa. Ainda assim, vemos um notável ceticismo. Quase um quarto dos jornalistas de todos os tipos no país têm dúvidas sobre se essa disciplina profissional é prática, 27 por cento entre jornalistas locais e 31 por cento na nova mídia.²⁶

Talvez por causa dessas incertezas, a resposta convencional da chamada imprensa séria à cultura da nova mídia tem sido a de que sua função é dar mais contexto e interpretação às notícias. A idéia seria a de que isso ajudaria o público a selecionar a informação dentro da massa noticiosa, conferindo mais significado às notícias.

Esta resposta à nova tecnologia, acreditamos, está mal explicada. De um lado, é impraticável imaginar as pessoas agindo como se fossem seus próprios editores e selecionando fatos dentro de um enorme volume de informação não filtrada. Embora não haja dúvidas de que os consumidores da Internet deste início do século 21 disponham de mais fontes de notícias do que os do século passado, não existem provas de que esses mesmos consumidores dediquem mais tempo às notícias. Na verdade, apesar do crescimento nas informações disponíveis, alguns estudos mostram que o tempo gasto pelas pessoas com o noticiário tem permanecido inalterado.²⁷

Em segundo lugar, o instinto da verdade não é necessariamente menor hoje, na era da nova mídia e das fontes proliferantes, do que era antes. Mais interpretação pode acabar em cacofonia e desviar a atenção do leitor para o lado mais superficial da verdade, o nível que deve ser parte do processo de sele-

MAIS INTERPRETAÇÕES
PODE ACABAR EM
CACOFONIA → É UM ERRO
PASSAR AO ESTÁGIO
INTERPRETATIVO ANTES
DE APURAR O QUE ACONTECEU

EM LUGAR
DE CORRER
PARA ACRES-
CENTAR
CONTEXTO
E INTER-
PRETAÇÃO,
A IMPRENSA
PRECISA
SE CONCENTR-
RAR NA
SÍNTESE
E NA
VERIFICAÇÃO

ção depois que os fatos foram estabelecidos. É um erro passar ao estágio interpretativo antes de apurar o que de fato aconteceu.

Em lugar de correr para acrescentar contexto e interpretação, a imprensa precisa se concentrar na síntese e na verificação. Que tire fora o rumor, a insinuação, o insignificante e engraçadinho e se concentre no que é verdadeiro e importante de uma história. À medida que os cidadãos encontram um grande fluxo de dados, eles precisam de mais – e não menos – fontes identificáveis para verificar aquela informação, apontando o que é mais importante para saber e descartando o que não é. Em lugar de elas mesmas expandirem o tempo usado para selecionar informação, uma tarefa que leva cada vez mais tempo por conta do número de fontes, as pessoas precisam de fontes as quais possam consultar e que lhes dirão o que é verdadeiro e significativo. Elas precisam de uma resposta para a pergunta: "No que posso acreditar?". O papel da imprensa então, nesta nova era, é trabalhar para responder a outra pergunta: "Onde está o bom material?". Verificação e síntese se tornam a espinha dorsal do novo papel de guardião do jornalista, ou seja, o de se converter num "fazedor de sentido", como disse John Seeley Brown, da Xerox PARC no capítulo anterior. Em resumo, a necessidade da verdade é maior, não menor, no novo século, considerando que a presença da inverdade tem sido muito mais prevalente.

AS PESSOAS
PRECISAM
DE UMA
RESPOSTA
À PERGUNTA
"NO QUE
POSSE
ACREDITAR?"
↓
VERIFICAÇÃO
E SÍNTESE SE
TORNAM A
ESPINHA
DORSAL
DO NOVO PAPEL
DE GUARDIÃO DO JORNALISTA - O DE SE CONVERTER EM UM
"FAZEDOR DE SENTIDO"

Para que isso aconteça, o próximo passo é que os jornalistas deixem bem claro a quem dedicam sua lealdade prioritária.

¹ Benjamin C. Bradlee, *Nieman Reports*, edição especial, inverno de 1990.

- ² Comitê dos Jornalistas Preocupados e Pew Research for the People and the Press, "Striking the Balance: Audiences Interests, Business Pressures and Journalist's Values", março de 1999, 79.
- ³ Entrevistas com vários jornalistas feitas por William Damon, Howard Gardner e Mihaly Csikszentmihalyi.
- ⁴ Patty Calhoun, num fórum do Comitê dos Jornalistas Preocupados, em Chicago.
- ⁵ Peter Levine, *Living Without Philosophy: On Narrative, Rhetoric and Morality* (Albany: State University of New York Press, 1998), 169.
- ⁶ John Hohenberg, *Free Press, Free People* (Nova York: Free Press, 1973), 17.
- ⁷ Joseph Ellis, *American Sphinx: The Character of Thomas Jefferson* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1997), 303.
- ⁸ Edwin Emery, *The Press in America*, 2d ed. (Englewood Cliffs, N. J.: Prentice Hall, 1962), 374.
- ⁹ Cassandra Tate, "What Do Ombudsmen Do", *Columbia Journalism Review*, maio/junho de 1984, 37.
- ¹⁰ Ibid.
- ¹¹ David T. Z. Mindich, *Just the Facts: How "Objectivity" Came to Define American Journalism* (Nova York e Londres: New York University Press, 1998), 115. Mindich diz que o primeiro livro didático que questionou a objetividade foi o de Curtis MacDougall's, *Interpretative Reporting*, 8th ed. (Nova York: MacMillan, 1982).
- ¹² Gordon Wood, "Novel History", *New York Review of Books*, 27 de junho de 1991, 16.
- ¹³ Richard Harwood, num fórum do Comitê dos Jornalistas Preocupados, em Nova York, 4 de dezembro de 1997.
- ¹⁴ Everette E. Dennis, "Whatever Happened to Marse Robert's Dream?: The Dilemma of American Journalism Education," *Gannet Center Journal*, primavera de 1988.
- ¹⁵ Mindich, *Just the Facts*, 6-7. Estes três exemplos são deste livro, mas também representam declarações ouvidas de muitos jornalistas ao longo dos anos.
- ¹⁶ Mindich destaca esse fato também em *Just the Facts*, 141.
- ¹⁷ Bill Keller, num fórum do Comitê dos Jornalistas Preocupados, em Nova York, 4 de dezembro de 1997.
- ¹⁸ Robert D. Leigh, ed., *A Free and Responsible Press* (Chicago: University of Chicago Press, 1947), 23.
- ¹⁹ Jack Fuller, *News Values: Ideas for an Information Age* (Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1996), 194.
- ²⁰ Carl Bernstein ressaltou esse aspecto em várias ocasiões, discursos, entrevistas, e conversas com os autores deste livro.
- ²¹ Eugene Meyer, "The Post's Principles", in *The Washington Post Deskbook on Style*, 2d ed. (Nova York: McGraw-Hill, 1989), 7.
- ²² Heather MacDonald, "America's Best Urban Police Force", *City Journal*, publicação do Manhattan Institute, verão de 2000.

- ²³ Wood, "Novel History", 16.
- ²⁴ Hodding Carter, entrevista com um dos autores deste livro, Bill Kovach, abril de 1998.
- ²⁵ "Striking the Balance", 53.
- ²⁶ Ibid., 54.
- ²⁷ John Robinson e Geoffrey Godbey, *Time for Life: The Surprising Ways Americans Use Their Time*, 2d ed. (University Park: Pennsylvania State University Press, 1999), 143. (Em *Public Opinion*, Lippmann usou pesquisas de 1900 a 1920 para mostrar que o tempo gasto pelas pessoas com a leitura dos jornais é por volta de 15 minutos. Em 1965, estudos do sociólogo John Robinson, da Universidade de Maryland, mostraram que as pessoas ainda gastavam o mesmo tempo, 15 minutos, com o jornal do dia. Quando Robinson examinou esses números dez anos mais tarde, descobriu que a crescente presença do noticiário da televisão não significava que as pessoas gastassem mais tempo com a informação, mas sim que "a perda do tempo gasto na leitura de um jornal se refletia diretamente no crescente tempo diário gasto assistindo a programas de notícias das emissoras de TV locais". Esses números são ainda mais reveladores quando tomamos em conta o aumento de tempo livre que os americanos têm tido nos últimos cem anos.)